

LUCAS FERNANDO GONÇALVES

# A “*GRAÇA*” DO NADA:

ALGUNS ASPECTOS FILOSÓFICOS DA FICÇÃO DE LUIZ VILELA

CAMPO GRANDE  
2014

LUCAS FERNANDO GONÇALVES

# A “*GRAÇA*” DO NADA:

ALGUNS ASPECTOS FILOSÓFICOS DA FICÇÃO DE LUIZ VILELA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens do CCHS / UFMS, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

**Orientador: Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues.**

CAMPO GRANDE  
2014

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCHS DEPARTAMENTO  
DE LETRAS – DLE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM  
ESTUDOS DE LINGUAGENS – PPGMEL**

Dissertação intitulada A **“GRAÇA” DO NADA: Alguns aspectos filosóficos da  
ficção de Luiz Vilela**, de autoria do mestrando Lucas Fernando Gonçalves, aprovada  
pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Rauer Ribeiro Rodrigues  
(UFMS) – Presidente

---

Profa. Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos  
(UFMS) – Titular

---

Prof. Dr. Wilton Barroso Filho  
(UnB) – Titular

*Dedico,  
Carinhosamente,  
este trabalho para a  
graciosa namorada  
Ariany da Silva Villar,*

*e ao tio  
Haroldo César Gonçalves  
(in memorian), pela sua  
postura de mistério em  
meio ao silêncio...*

## AGRADECIMENTOS

É com o pulsar do meu ser, que venho nesta página elencar a memória das pessoas e instituições que contribuíram para a construção da minha formação acadêmica e humana.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – pelo imprescindível apoio financeiro, sem o qual a realização dessa pesquisa teria sido no mínimo, mais difícil.

Ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos de Linguagem da UFMS.

Aos cursos de graduação em Filosofia e Letras da UFMS, pela oportunidade que obtive como professor temporário no ano de 2013.

Aos professores Moacir Aquino, Márcio Costa, Hélio Souza, Rosana Zanelatto, Marisa Lajolo, Anita Guazzelli, Maria Adélia, Geraldo Grendene e Geraldo Vicente.

Agradeço ao orientador Rauer Ribeiro Rodrigues por acreditar no meu trabalho para a realização desta pesquisa acadêmica.

Agradeço aos amigos Paulo Benites, João Carlos, Rogério dos Prazeres, Cid Nogueira, Alessandro Marques, Thiago Fróes, Leandro do Valle, Leandro Picoli, Rodrigo Pires, Wendell Guilhoto, Adriano Guilhoto, Jorge André, José Casa Grande, Maluh, Kátia Borges, Marcela Araújo, Fred Antunes, Júnior José, Álvaro Ramos, Bruno Pinto, Wcleverson Batista, Alex Domingos, Weslem Gimenez e Osmilto Moreira.

Agradeço aos familiares, em especial: Marlene de Cássia Gonçalves – querida mãe; Fátima Albano – nobre tia; o padrinho de batismo – Rubens Queiroz e a madrinha Neuza Antunes. Nestes dois anos de mestrado, eles se fizeram por acompanhar e animar-me para a efetuação da minha realização acadêmica e profissional.

Agradeço a namorada Ariany da Silva Villar, mulher em que apareceu na minha vida e fez dela uma *graça* de convivência amiga e amorosa.

Por fim, e de modo muito especial agradeço ao Sagrado Mistério Divino, pela sua Beleza Mística que é capaz de mover o profundo interior dos humanos. Oxalá ao Infinito Eterno.

*"(...) o ser humano é como uma floresta: você olha de fora, e a floresta é aquela maravilha; mas você entra, e lá dentro você dá com onças, cobras, escorpiões... É assim, meu filho, o ser humano é assim. Por fora, uma coisa amável; por dentro, uma coisa temível. Ou, como dizia a cartilha da escola, nos meus tempos de menina: por fora, bela viola; por dentro, pão bolorento"*

*(Luiz Vilela)*

GONÇALVES, Lucas Fernando. A “GRAÇA” DO NADA: Alguns aspectos filosóficos da ficção de Luiz Vilela. Campo Grande, MS, 2013, 137 fls. Dissertação (Mestrado, Estudos de Linguagens) – PPG-MEL, UFMS.

## **RESUMO:**

Este trabalho tem como corpus o romance *Graça*, de Luiz Vilela, à luz de quatro conceitos: o ceticismo, de Pirro de Élis; a compaixão, de Schopenhauer; o niilismo, de Nietzsche e o existencialismo, que decorre de Kierkegaard a Sartre. Para deslindar esse enredo de substrato filosófico, valemo-nos, no âmbito das categorias da narrativa e dos elementos da teoria literária, de aspectos concernentes à construção das personagens, da elaboração da diegese e do estudo do ponto de vista romanesco, além de nos valermos da expressiva fortuna crítica que recebeu o romance de Vilela. Esta análise busca uma nova interpretação desse romance frente à crítica já existente, assim como mostrar, na obra do ficcionista mineiro — com a retomada do conceito de Além-do-Homem, por meio do pensamento nietzschiano — uma visão ontológica do ser-no-mundo vivenciado pela personagem Epifânio. Concluímos que a obra contém características concernentes aos conceitos filosóficos do ceticismo, da compaixão, do niilismo e do existencialismo, forjando uma cosmovisão que alia o hedonismo à defesa de um homem estoico, capaz de — pela arte literária — superar a mediocridade banal da vida de todos os dias.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

*Dasein*; Filosofia; Literatura Brasileira Contemporânea; *Übermensch*

GONÇALVES, Lucas Fernando. A “GRAÇA” DO NADA: Alguns aspectos filosóficos da ficção de Luiz Vilela. Campo Grande, MS, 2013, 137 fls. Dissertação (Mestrado, Estudos de Linguagens) – PPG-MEL, UFMS.

**ABSTRACT:**

This paper analyzes the novel *Graça*, Luiz Vilela, in the light of four concepts: the skepticism of Pyrrho of Elis, compassion, Schopenhauer, nihilism, Nietzsche and existentialism which runs from Kierkegaard to Sartre. To unravel this tangle of philosophical substrate, we make use, under the categories of narrative and elements of literary theory, aspects concerning the construction of the characters, the plot and the development of the study from the standpoint of romanescos, and in valermos the significant critical fortune who received the novel. This analysis seeks a new interpretation of the novel against this criticism, existing as well as show the work of the novelist miner - the resumption of the concept of In - the - Man, through Nietzsche's thought - a vision of being in the ontological world - experienced by the character Epiphanes. We conclude that the work contains features pertaining to the concepts above mentioned philosophical skepticism, compassion, nihilism and existentialism, forging worldview that combines hedonism defense of stoic man, able to overcome the banal mediocrity of everyday life.

**KEYWORDS:**

*Dasein*, Philosophy, Contemporary Brazilian Literature; *Übermensch*



## NOTA PRÉVIA

A palavra < graça > será evocada em diversos sentidos no decorrer deste trabalho. A fim de facilitar a compreensão e evitar enganos, grafamos de modo distinto cada acepção do termo: para nos referirmos à personagem do romance de Luiz Vilela, grafamos com inicial maiúscula — Graça; para designar o romance em si, grafamos em negrito itálico e inicial maiúscula — ***Graça***; significando humor, riso, a grafia será em minúsculas — graça; por fim, no sentido de dádiva divina, utilizamos minúsculas e itálico — *graça*.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>11</b>
<b>I. Ceticismo .....</b>	<b>19</b>
1.1 O Ceticismo Pirrônico .....	21
1.2 A Certeza Cartesiana e a radicalização do Ceticismo na Modernidade.....	25
1.3 As características céticas do romance <i>Graça</i> .....	31
1.4 O Ceticismo Pirrônico, de Machado a Vilela.....	36
<b>II. Compaixão.....</b>	<b>42</b>
2.1 Tradição Teológica.....	44
2.2 Perspectiva existencial em Kierkegaard .....	48
2.3 A Representação da Vontade em Schopenhauer.....	51
2.4 O Humanismo Compassivo do romance <i>Graça</i> .....	55
<b>III. Nihilismo.....</b>	<b>60</b>
3.1 Superações da Metafísica.....	64
3.2 Força e Vontade de Potência.....	71
3.3 O Eterno Retorno.....	77
3.4 O Mundo como <i>Graça</i> e Representação.....	83
3.5 Aspectos niilistas no romance <i>Graça</i> .....	89
<b>IV. Existencialismo.....</b>	<b>98</b>
4.1 O Conceito de Angústia e o Problema do Nada.....	103
4.2 Má-fé .....	114
4.3 Projeto de Vida como Ação da Liberdade .....	118
4.4 A <i>Graça</i> da Existência .....	121
<b>Conclusão .....</b>	<b>129</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>134</b>

## **INTRODUÇÃO**

O grande escritor, sobretudo romancista, costuma revelar em sua estreia alguns temas que serão recorrentes ou até dominantes em sua obra posterior, assim como elementos de sua própria biografia. A nosso ver, ao escrever *Os Novos*, publicado no ano de 1971, Luiz Vilela toma como objeto de representação os temas da modernidade e do desdobramento da condição humana contemporânea. Essa questão ganharia maior amplitude filosófica e profundidade existencial, quanto à temática da modernidade, em seus romances posteriores: *O inferno é aqui mesmo* (1979), *Entre Amigos* (1983), *Graça* (1989) e *Perdição* (2011). Também assim é em seus contos e suas novelas.

Luiz Vilela nasceu em Ituiutaba, interior de Minas Gerais, em 31 de dezembro de 1942. Desde a infância se interessou por leitura e logo pela literatura. Foi para a capital mineira estudar e ingressou na Universidade de Minas Gerais (atual UFMG), onde se graduou em Filosofia. De seu próprio bolso, bancou a publicação de sua primeira obra em 1967, uma modesta edição de mil exemplares do *Tremor de Terra*. No lançamento da obra já se anunciou que a mesma ganhara o Prêmio Nacional de Ficção, em Brasília, numa acirrada disputa com cerca de 250 autores, muitos deles de renome. Em 1974, recebeu o prêmio Jabuti pelo volume de contos *O Fim de Tudo* (1973).

Focamos nosso estudo na realidade existencial das personagens Epifânio e Graça, do romance *Graça*, considerando-o, nas pegadas de Wania Majadas (2011), como centro

discursivo da obra de Luiz Vilela<sup>1</sup>, guardadas as devidas proporções de espaço, tempo e dimensão histórica e filosófico-psicológica das personagens, diante, inclusive, mas provavelmente com ressalvas, de seus contos, novelas e romances posteriores.

O surgimento de Graça na casa de Epifânio introduz um ritmo no curso da narrativa, intensificando o peso específico dos diálogos e, com eles, a revelação de vários aspectos da personalidade do Epifânio. Ora, o diálogo em Luiz Vilela não é mero recurso técnico de construção da obra, mas forma narrativa pela qual as personagens se tratam revelam sua personalidade, suas opiniões, seus pontos de vista e seus ideais. O diálogo como debate entre consciências dotadas de responsabilidade ética por suas palavras tanto lhes pode ser favorável como desastroso. Com isso, a literatura de Vilela é uma representação da vida contemporânea, narrando problemas sobre a questão do nada, da falta de fundamento das relações conjugais, da crise dos valores da tradição judaico-cristão, das angústias diante das decisões, da condição existencial contingente do homem e, possivelmente, por meio das suas personagens, uma auto-reflexão contínua sobre o lugar e o papel do homem no universo.

Representar o mundo não é algo facultativo, que podemos ou não fazer. Segundo Todorov (2013), em entrevista concedida ao CPFL CULTURA, representamos o tempo todo, do nascimento até a morte. Percebemos o mundo ao nosso redor e fazemos representações em nosso espírito. A arte figurativa e a literatura são uma espécie de condensação, de quintessência dessa característica comum a todos. Nós fazemos narrativas sem parar, contamos nossa própria vida a nós mesmos para saber o que vivemos. A nossa diferença de narrar em relação aos escritores está somente no grau da elaboração de vocábulos e não na natureza, pois nesta permanecemos com a mesma necessidade linguística, ou seja, de tornar vivas as experiências da nossa condição humana por meio da palavra (linguagem). Somos todos fabricantes de narrativas; é por meio da linguagem que procuramos encontrar as mais justas palavras que possam descrever nossas experiências, para designar o vivido como memória (registro histórico). A história se perpetua por meio das palavras que narramos um ao outro; por meio da linguagem nós realizamos a nossa morada (ontológica).

---

<sup>1</sup> A pesquisadora Wania Majadas observou como se distribuem nos contos, novelas e romances de Luiz Vilela os referentes emocionais e conceituais que distinguem o autor e se aglutinam no romance *Graça*.

Vivenciamos — segundo Lyotard (2013) — uma crise de metanarrativas própria ao contexto da metade final do século XX, com o que sofremos a crise antropológica de não nos reconhecermos dentro de um único *locus* de identidade simbólica humana. Em outras palavras, segundo o raciocínio de Heidegger, “[a] questão o que é o homem precisa ter seu ponto de partida lá onde, segundo a aparência mais rudimentar, mesmo a mera interpelação discursiva e a mera denominação do ente pelo homem se alça como uma humanização de todo ente: a questão precisa começar pela *linguagem*” (HEIDEGGER, 2007, p. 281).

O romance *Graça* inicia o enredo com um encontro inesperado entre Epifânio e Graça dentro de um ônibus. Ambos trocam algumas palavras no percorrer da viagem. Epifânio, seduzido pela beleza graciosa da jovem, entrega a Graça um bilhete contendo o seu endereço e telefone; ela por sua vez o guarda e não promete visitá-lo.

Epifânio é um homem solitário, morando sozinho e solteiro, que ocupa seu tempo como escrivão num cartório. Seu ofício de escrever não é apenas um modo de trabalho, mas também um projeto de vida, pois seu sonho é ser escritor, em sua vida as palavras o sensibilizam. “Sempre fui — como direi? — extremamente sensível às palavras. ” (VILELA, 1989, p. 86). Seu sonho é marcado pela vontade de memorizar a si mesmo em palavras: “Já contei aqui que eu queria ser um grande escritor. Eu não estava brincando; eu queria mesmo. ” (VILELA, 2007, p. 86). O relevante da literatura de Vilela, nesse aspecto, advém da possibilidade de nós leitores nos aproximarmos do mundo de uma personagem “perturbada” pelo desejo de tornar escrito uma história por ele mesmo pensada, quiçá existencialmente. É o encontro do narratário com a narração sobre a vida de um sonho humano.

Homem educado por padres quando criança na escola, quando adulto é inquieto por questões transcendentais do cristianismo. Epifânio convive com as questões a respeito da fé e de uma possível moral determinada por Deus. Não sendo ortodoxo, seu comportamento é irônico sobre os dogmas da Igreja e hedonista em relação aos corpos das mulheres.

Numa noite chuvosa de sábado, Epifânio é surpreendido pela visita de Graça em sua casa: nesse momento a narrativa nos apresenta a Graça do Nada, ou seja, o acontecimento gracioso em que a eventualidade é puro acaso — sem combinação prévia,

não necessitando de uma razão cartesiana que faça por justificar os fatos como ordens casuais, concordando com Clarice Lispector: “Não pensar significa o contato inexprimível com o nada. O ‘Nada’ é o começo de uma disponibilidade livre que chamaria de graça” (LISPECTOR, 1999, p. 80). Naquela mesma noite, Epifânio e Graça se entregam aos prazeres do contato corpóreo: “eu o segurei [ao pé de Graça] e cheirei e lambi e mordi, e ela curvou a cabeça para trás, e meu pênis deslizou para dentro de sua vagina molhada, seu corpo todo estremecendo” (VILELA, 1989, p. 35).

A partir do encontro de Epifânio com Graça, em casa dele, é que se iniciam as questões de ordem moral da vida humana, do problema da verdade transcendente, da questão do sentido da vida e do desejo de Epifânio em ser escritor. As temáticas ocorrem nos diálogos entre ambos, uma relação que nos apresenta confidências amorosas e pensamentos filosóficos. Mas essas conversas são ocasionadas sempre com muito humor, pois “Epifânio tem consciência de que Graça pouco entende do que ele diz, reconhece a própria superioridade cognitiva, diverte-se com tudo isso e provoca” (MAJADAS, 2011, p. 111).

Apesar da intensidade da relação com Graça, Epifânio é um homem descompromissado com as mulheres: antes de namorá-la, teve várias outras namoradas, e com nenhuma procurou estabilidade amorosa. Sujeito mulherengo, Epifânio compara a banalidade das relações conjugais que obteve com os papéis higiênicos: a semelhança de ambos está no descartável. Inclusive, o fim de seu namoro com Graça se deve a uma discussão que tiveram devido ao rolo de papel higiênico: “Aquele dia, ao chegar da rua e entrar no banheiro, lá estava ele — lá estava o maldito do papel higiênico se arrastando no chão como uma grotesca língua espichada”, e Epifânio comenta: “isso me deixava possesso” (VILELA, 1989, p. 214). No outro dia, um sábado, numa *graça* do Nada, desaparece a amante do Epifânio. A casa dele estava em perfeita ordem, graciosamente arrumada e limpa. Epifânio encontra em sua cabeceira um bilhete escrito: “Adeus, Pi. Obrigada por tudo. Até algum dia, talvez. Graça” (VILELA, 1989, p. 219). Assim como do *nada* apareceu Graça em sua vida, do *nada* desapareceu também, deixando apenas lembrança da relação vivida.

Trata-se do relato sobre a busca de um projeto de vida, demarcado em seu aspecto teórico (dos planos e dos planejamentos). Paralelo a isso, narra-se que conta sua própria história, os fatos das experiências vividas pela personagem. Por essa razão, o papel da

personagem Graça se faz de suma importância, como necessidade de reflexão, corroborando o sentido do nome da própria obra. Tendo em vista que — bakhitianamente — a “literatura é arte feita de discurso” (BEZERRA, 2011, p. 247), nos amparamos sobre alguns significados da condição humana na atualidade em diálogo com a vida das personagens de Luiz Vilela. A literatura possui uma linguagem que tem uma carga específica de afetividade, um modo de ser da subjetividade das criaturas do mundo real convencionadas como personagens, ou seja, concordando com Deleuze, a arte, neste caso específico a literatura, é o pensamento da sensibilidade (DELEUZE, 1992).

A filosofia por sua vez se caracteriza como pensamento de conceitos, e a ciência como pensamento da funcionalidade. Deleuze caracteriza três formas de pensamento, todos eles com o seu poder criativo. Segundo Roberto Machado, “criar, em todos esses domínios, é sempre ter uma ideia. Pensar é ter uma nova ideia” (MACHADO, 2009, p. 14). Por essa razão, o pensamento da filosofia “não se restringe à consideração do texto filosófico: fazer filosofia é muito mais do que repetir ou repensar os filósofos” (MACHADO, 2009, p. 11). Tal abrangência defende a importância de pesquisarmos o teor filosófico do texto literário de Luiz Vilela: nosso trabalho se inscreve no diálogo entre o pensamento de conceitos e o pensamento da sensibilidade. Para deslindarmos esse enredo de substrato filosófico, valemo-nos, no âmbito das categorias da narrativa e dos elementos da teoria literária, de aspectos concernentes à construção das personagens, da elaboração da diegese e do estudo do ponto de vista romanesco, além de nos valermos da expressiva fortuna crítica que recebeu o romance *Graça*.

A estrutura da dissertação conta com quatro capítulos, além da introdução e da conclusão. O primeiro capítulo é dedicado aos temas do ceticismo pirrônico e da construção da subjetividade na modernidade a partir de Descartes, com o surgimento do *cogito ergo sum*. A temática do ceticismo na literatura de Vilela tem como ponto de partida a tese *Faces do Conto de Luiz Vilela*, de Rauer Ribeiro Rodrigues, defendida em 2006. Dialogaremos o significado etimológico e filosófico da palavra ceticismo com a literatura de Vilela e de Machado de Assis, com a colaboração do livro *O ceticismo na obra de Machado de Assis*, de José Raimundo Maria Neto. Nos textos de Vilela há narrativas permeadas de questões candentes, entre outras, o hedonismo; a ironia frente à moral; o riso entre personagens ao abordarem questões dogmáticas; a problemática do corpo humano, tão censurado pela tradição cristã. Esses questionamentos estruturam, de



certa forma, a obra *Graça*, e nos proporcionam, como leitores, a compreensão do conceito de ceticismo.

O segundo capítulo é dedicado a discutir a questão da compaixão em *Graça*. Dentre os estudos e teses já realizadas sobre a obra de Vilela, destacam-se o livro, lançado em 2000, *O diálogo da compaixão na obra de Luiz Vilela*, de Wania de Sousa Majadas, produto de uma dissertação de mestrado apresentada na UFG. Majadas classificou toda a obra de Vilela como uma obra repleta de compaixão e, de modo especial, o romance *Graça*, pois, segundo ela “Os valores humanitários — a compaixão, a ternura — comparecem de forma magistral na voz de Epifânio” (MAJADAS, 2000 p. 139). Nossa visão é de que tal assertiva, ainda que não esteja incorreta no que tange a outras obras de Vilela (reafirmamos que nosso intento não é o de analisar toda a obra do autor mineiro), está incorreta em relação ao romance narrado por Epifânio. Propomos uma releitura para o referido romance: niilista ao invés de compassivo cristão. Deste modo, retomaremos os textos de Schopenhauer (estudados também por Franjotti) e da tradição cristã, para melhor consolidar o significado problemático a respeito do conceito de compaixão.

O terceiro capítulo será centrado no niilismo conforme Friedrich Nietzsche o apresenta no seu pensamento crítico-filosófico. Nesse capítulo nos ancoramos em Heidegger e demais críticos do pensamento nietzschiano, como Vattimo e Oswaldo Giacoia. Nossa análise discute o conceito de niilismo schopenhauereano e como elaborado na dissertação *O mundo como Graça e representação — Epifania, Polifonia e niilismo em Luiz Vilela*, de Ronaldo Franjotti (2011). Na concepção de Franjotti, há uma caracterização egóica (solipsista) do niilismo, ou seja, de que o *eu* detém primazia nas relações humanas. Observamos, neste sentido, certo equívoco quanto ao conceito de niilismo, pois o *eu*, como marca identitária absoluta, não passa de uma construção discursiva, iniciada com o projeto da modernidade, principalmente na época do Iluminismo, com a ideia de autonomia (*sapere aude*)<sup>2</sup> – caracterizando a instauração do individualismo. A ideia do *eu* é apenas uma casca daquilo que somos, pois há muito mais em nossa construção ontológica para além deste puro *eu*. O niilismo, na verdade, é a

---

<sup>2</sup> No texto de Kant (1784), *Resposta à pergunta: “O que é o Iluminismo?”*, está centrado a importância da saída do homem de sua menoridade (aquele que vive a vida sobre a tutela de outrem) para a realização de sua maioridade (autonomia). Neste aspecto, *sapere aude* significa ouse saber, pois raciocinar por si mesmo equivale a ser autônomo.

constatação do *nada* em nossas vidas; ou seja, é evidenciado pelos críticos pensadores do niilismo o problema da falta de fundamento nos valores éticos e “sintoma de desagregação de uma unidade cultural, de perda de coesão e consistência – portanto um sinal de dissolução” (GIACCOIA, 2013, p. 227). Isso acarreta crise nas esferas religiosa, educacional, científica e demais espaços de construção de discurso a respeito do sentido da vida. A nosso ver, o niilismo de Epifânio sobrevém da perspectiva de Nietzsche sobre a importância de fazer da vida uma obra de arte, de realizar a estética da existência, ser artista de si mesmo, ser senhor de si. Um niilismo ativo e criativo e não passivo de alguma ideia de determinismo moral. Epifânio, ao ser o narrador de *Graça*, possivelmente realiza – essa é uma de nossas hipóteses nesta pesquisa – a sua *vontade de viver* para além da *vontade da verdade*, superando o homem ressentido e tornando-se o Além-do-Homem (*übermensch*).

No quarto capítulo, abordamos o conceito de existencialismo que decorre de Kierkegaard e de Sartre. Na literatura de Vilela constata-se a problemática da fragmentação nas relações humanas e a insistência das nossas angústias frente ao *nada*, ou seja, do vazio existencial. Por isso, no final do capítulo, tomamos a crítica de Yvonélio Nery (2008) em sua dissertação *Humanismo e ironia nos contos de Luiz Vilela*, devido ao diálogo que estabelece entre o pensamento ontológico de Sartre e a ficção de Luiz Vilela.

Concluimos esta pesquisa dentro da perspectiva de realizar a releitura do romance *Graça* com a fortuna crítica de Luiz Vilela. É necessário explicar o fundamento da estrutura da pesquisa, as razões pelas quais ordenamos em formato de diacronia e não de outra maneira. Optamos pela estruturação diacrônica devido aos conceitos que abordamos terem a sua própria linha histórica, sendo: o ceticismo uma temática iniciada já na antiguidade grega, a compaixão um assunto de forte perspectiva cristã (idade média), o niilismo, conceito discutido por pensadores e escritores no final do século XIX (modernidade) e o existencialismo, que obteve seu auge como corrente filosófica, na metade do século XX (contemporaneidade). Abrimos mão de seguir a cronologia da fortuna crítica, optando pela cronologia da história da filosofia, por esta nos permitir uma sequência didática que consente uma adequada linearidade argumentativa.

## **CONCLUSÃO**

Nesse estudo procuramos abordar uma nova perspectiva sobre a literatura de Luiz Vilela, de modo mais específico sobre, o romance *Graça*, publicado em 1989. Para tanto, abordamos a crítica ao autor mineiro, procurando situar os temas do ceticismo pirrônico, da compaixão, do niilismo e do existencialismo. Partimos das discussões de três estudos sobre a obra de Vilela: as dissertações de Wania Majadas, Ronaldo Franjotti e Yvonélio Ferreira.

De Wania Majadas utilizamos a versão em livro de *O Diálogo da Compaixão na Obra de Luiz Vilela* lançado em 2011. É preciso destacar que a pesquisa da Majadas é um dos mais importantes estudos críticos da obra de Vilela. É em sua dissertação que se encontra a tese de que o tema compaixão cristã abrange como um todo a literatura de Vilela.

O segundo estudo analisado é o de Ronaldo Franjotti (2011), *O Mundo como Graça e Representação*, no qual se destaca o tema do niilismo a partir da concepção de Schopenhauer. Na visão de Franjotti, a compaixão que há nas entre linhas do romance *Graça* é, na verdade, uma forma narrativa que compõe aspectos niilistas. Há uma cisão de perspectiva teórica entre o estudo de Franjotti e a pesquisa de Majadas. Pois, na trama do romance *Graça*, o que se pressupõe – segundo Majadas – não é a importância da religião cristã como força promotora na ação das personagens principais, mas sim – conforme Franjotti, com o qual concordamos – de que a questão da verdade de Deus é

conflitada com os desejos e vontades humanas que faz por desafiar a moral da Igreja Católica.

A terceira pesquisa sobre a obra de Vilela que tomamos por ponto de partida é a de Ferreira (2008), *Humanismo e ironia nos contos de Vilela*. Ferreira realizou estudo filosófico de teor existencialista tendo por corpus alguns contos de Vilela. Concordamos com ele quando destaca que a literatura de Vilela é mola propulsora para a reflexão da vida humana em seu dinamismo filosófico.

No primeiro momento abordamos a questão do ceticismo em Luiz Vilela, a partir da visão de Rauer Ribeiro Rodrigues (2006) na tese *Faces do Conto de Luiz Vilela*, que vê em *Graça* elementos do ceticismo pirrônico. Entretanto, não há nenhuma pesquisa até o momento que tenha se debruçado e delimitado as dimensões céticas da literatura de Vilela. Por essa razão, não tivemos que confrontar com nenhuma crítica literária ao escrever o primeiro capítulo. Rauer nos foi benéfico, tendo em vista ser o ponto de partida para a leitura do ceticismo no romance *Graça*.

Para tanto, partimos do Sexto Empírico em suas *Hipóteses Pirrônicas*. Aprofundamos a questão do ceticismo ao reler o projeto de método científico pensado pelo racionalista moderno René Descartes. Compreendemos com a filosofia cartesiana que é possível duvidar de *quase* tudo, pois há uma situação em que não se pode duvidar: duvidar de que estejamos duvidando no momento que duvidamos de algo. A dúvida é o ponto central da certeza de que pensamos, logo temos assim a verdade de que estamos vivos e somos reais. Isso devido ao óbvio de que só se pode duvidar quando a pessoa que duvida existe.

O primeiro capítulo se inicia com uma discussão da Antiguidade grega, o ceticismo, e perpassa pela modernidade. Com a pesquisa de Raymundo Maia Neto (2007), *O ceticismo na obra de Machado de Assis*, dialogamos sobre as características comuns à literatura machadiana e à Vilela quanto o ceticismo. Fator importante no romance *Graça* é o fato de que o enredo tramita num conflito entre dogmatismo e ceticismo, pois ora a personagem Epifânio tem verdades religiosas e ora rompe com a própria crença supersticiosa e realiza sem sentimento de pecado o seu desejo corporal.

No segundo capítulo, elaboramos uma pequena história da formação antropológica dos valores cristãos, a partir da Patrística, para destacarmos a filosofia cristã de Kierkegaard, na qual de modo especial, destacamos as características de uma existência estética. Na visão de Kierkegaard, há nos indivíduos três estágios existenciais:

estético, ético e religioso. Sendo o estético mais instantâneo e momentâneo em suas experiências afetivas, ao passo que o ético é totalmente compromissado para com o outro e por fim no estágio religioso há um salto na fé e este salto escandaliza a razão, pois não há como racionalmente compreender a entrega de alguém que vive a vida por e para Deus. Em se tratando do personagem Epifânio, vimos que o estágio estético é o que melhor faz por identificar o seu modo de existir. Por outro lado, é uma personagem sem compromisso com mulher nenhuma e faz de suas relações amorosas um contato que foca somente o *aqui e agora* e não um futuro de casamento e filhos.

Posteriormente, abordamos a filosofia pessimista de Schopenhauer e a visão crítica de Franjotti ao romper com o pensamento da Majadas. Concordamos com ele quando ele diz que não há elemento de compaixão cristã na postura de Epifânio, mas negamos, em um passo novo na análise do romance, que Pi seja um sujeito que negue a vida e viva um niilismo totalmente egoísta e negativo. Uma chave para compreendermos está no próprio apelido de Epifânio. Pi é um conceito matemático, racionalizado, que simultaneamente é uma dízima periódica infinita, quase como uma razão que se perde na razão, um símbolo do tempo — o último quartel do século XX — representado na narrativa. O apelido Pi se refere ao aspecto racional do personagem Epifânio, tendo em vista que o protagonista-narrador assume como personagem uma revelação conforme o próprio nome indica: epifania no âmbito racional reduzido e em referência ao conceito matemático  $\pi$ . Ou seja, Pi ( $\pi$ ) é a revelação de toda a construção racionalizada na narrativa do romance analisado em nossa pesquisa.

É no terceiro capítulo, no qual abordamos os quatro elementos do niilismo propostos por Nietzsche, que fundamentamos nossa ruptura com a leitura de Franjotti. Pois, em nossa visão, não há negação de vida no personagem-narrador Epifânio, mas, pelo contrário, o personagem é alguém que busca o tempo todo ser um artista de si mesmo.

Epifânio faz das próprias experiências uma possibilidade de potência que transforma a própria vida em obra de arte. Acreditamos que Pi concretiza tal feito ao contar a própria história de vida em forma de romance. Se no início do livro ele se apresenta como escritor para Graça, é no fim do livro que nos damos conta de que toda a narrativa é escrita com o intuito de ser livro. Assim sendo, Pi tem concretizado o seu sonho de escrever um livro. Numa visão nietzschiana, ele se auto-superou (*ubermensch*).

Fez do trágico que contido na sua história de vida uma obra de arte. O fato de ser órfão, ter perdido as tias e o avô que o cuidaram na infância e pelos namoros que nunca dão certo, forjou a existência de Pi. A partir dessa história de vida, a personagem torna-se narrador e realiza uma catarse por intermédio das palavras do romance. Ao escrever a própria história, Epifânio se torna um além-do-homem.

No último capítulo, numa perspectiva existencialista, damos continuidade ao que observamos quanto ao niilismo ativo de viver de Epifânio é alguém que vive fortes angústias, se depara com a liberdade e faz do seu projeto de vida o desejo de ser escritor. Seu ser é afirmado pela sua capacidade de tornar a sua vida sensível em sensíveis palavras.

Concluimos desse modo, que Pi se torna escritor e faz de suas diversas experiências pessoais uma beleza de *memória poética*, fruto de seus valores céticos, que o transformam em um narrador no âmbito do impulso estético kierkegaardiano, de modo que Epifânio se funde em niilismo ativo-criativo nietzschiano de sujeito que se supera, tornando-se *ubermensch*, um homem além-do-homem, fincado no final do século XX, sartreanamente responsável por seus atos.

## REFERÊNCIAS:

*Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1975.

CAMUS, Albert. *O Estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CEI, Vitor. *Nietzsche e Turguêniev: Para uma Genealogia do Nihilismo*. REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CONILL, Jesús. *El Poder de la Mentira: Nietzsche y la política de la transvaloración*. Madrid: Editorial Tecnos, 1997.

DELEUZE, Gilles. *O que é a Filosofia?*. Tradução de Bento Prado Júnior. São Paulo: 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DESCARTES, René. *Meditações*. Tradução de Bento Prado Júnior. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Tradução de Thereza Christina. São Paulo: Paulus, 2002.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Duplo*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2011.

EMPÍRICO, Sexto. *Hipóteses Pirrônicas*. Disponível em: < [http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/traducao\\_hipotiposes\\_pirronicas/n12traducao.pdf](http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/traducao_hipotiposes_pirronicas/n12traducao.pdf) > Acessado em: 10 novembro 2012.

FARIAS, Isaias Leonidio. *O Erotismo no romance Graça, de Luiz Vilela*. Campo Grande, MS: UFMS, 2011. Dissertação (Mestrado, Estudos em Linguagens). Disponível em: < <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/fortuna-critica.html> > Acesso em: 3 outubro 2012.

FERREIRA, Yvonélio Nery. *Humanismo e ironia nos contos de Luiz Vilela*. Uberlândia, MG: UFU, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Disponível em: < <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/fortuna-critica.html> > Acesso em: 3 novembro 2012.

FRANJOTTI, Ronaldo Vinagre. *O Mundo como Graça e Representação: polifonia, epifania e nihilismo em Luiz Vilela*. Campo Grande: UFMS, 2011. Dissertação (Mestrado, Estudos em Linguagens). Disponível em: < <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/fortuna-critica.html> > Acesso em: 3 outubro 2012.

FRANZ, Kafka. *O Processo*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.



- GADAMER, Hans-Georg. *O Caráter Oculto da Saúde*. Tradução de Antônio Costa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- GIACOIA, Oswaldo. *Nietzsche: o humano como memória e como promessa*. Petrópolis. RJ: Vozes, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é isto — a Filosofia?* Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- HEIDEGGER, Martin. *Que é Metafísica*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche I*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007
- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche: Metafísica e Nihilismo*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.
- HEIDEGGER, Martin. *Sobre a Essência da Verdade*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo, parte I*. Tradução de Ernildo Stein. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é o Iluminismo? Disponível em: < [http://www.lusosofia.net/textos/kant\\_o\\_iluminismo\\_1784.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/kant_o_iluminismo_1784.pdf) > Acessado em: 10 novembro 2012.
- KIERKEGAARD, Soren. *As Obras do Amor*. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- KIERKEGAARD, Soren. *O Conceito de Angústia*. Tradução de Álvaro Luiz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- KIERKEGAARD, Soren. *O Desespero Humano*. Tradução de Carlos Grifo, M.J. Marinho, A.C. Monteiro – São Paulo: Abril Cultura, 1979.
- KUNDERA, Milan. *A Insustentável Leveza do Ser*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- LANDESMAN, Charles. *Ceticismo*. Tradução de Cecília Camargo. São Paulo: Loyola, 2002.
- LISPECTOR, Clarice. *Um Sopro de Vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- MACHADO, Roberto. *Deleuze: a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- MAJADAS, Wania de Souza. *O Diálogo da Compaixão na Obra de Luiz Vilela*. Goiânia, Ed. PUC-GO/Kelps, 2011.
- MAIA NETO, José Raimundo. *O Ceticismo na Obra de Machado de Assis*. São Paulo: Annablume, 2007.
- MURARO, Robson Tadeu. *Os limites da lei na Suma Teologia de Santo Tomás de Aquino*. São Paulo, SP: USP, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora*: reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falava Zaratustra*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Como cheguei a ser o que sou. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Ou: Como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Um livro para espíritos livres. Lisboa: Relógio D'Água, 1997

NIETZSCHE, Friedrich. *Para Além de Bem e Mal*. Tradução de Delfim Santos. Lisboa: Guimarães Editores, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de Potência*. Vol II. Rés Editora, Porto. 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *100 aforismos sobre o amor e a morte*. Tradução de Paulo César. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NOGUEIRA, Lucas. *O demônio de Nietzsche: Nihilismo, eterno retorno e ética do cuidado de si*. HUMANITAS, Teresina: UFP – Universidade federal do Piauí. v.3, n.1, p. 29, 2010.

NOGUEIRA JR, Renato. *A Ética da Compaixão na Filosofia de Schopenhauer*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2010.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RAUER [Rauer Ribeiro Rodrigues]. *Faces do conto de Luiz Vilela*. Araraquara, SP, 2006. 2 v. xiv, 547 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – FCL-Ar, Unesp. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&obra=91329](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&obra=91329)> Acesso em: 5 outubro 2012.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: patrística e escolástica*. Vol. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *A Democracia e a Beleza*. Disponível em: < <http://vimeo.com/64838893> > Acessado em: 10 setembro 2013.

TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e Filhos*. Tradução de Ivan Emilianovitch. São Paulo: Martin Claret, 2006.

- VATTIMO, Gianni. *Introdução a Nietzsche*. 1. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1990
- VILELA, Luiz. *A Cabeça*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002
- VILELA, Luiz. *Bóris e Dóris*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- VILELA, Luiz. *Entre Amigos*. São Paulo: Ática, 1983.
- VILELA, Luiz. *Graça*. São Paulo: Estação da Liberdade, 1989.
- VILELA, Luiz. *Tremor de Terra*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1978.
- VILELA, Luiz. *No Bar*. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.
- VILELA, Luiz. *Tarde da Noite*. São Paulo: Ática, 1999.
- VILELA, Luiz. *Você Verá*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- SARAMAGO, José. *Ensaio Sobre a Lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SARTRE, Jean-Paul. *A Imaginação*. Tradução de L. R. S. Fortes. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- SARTRE, Jean-Paul. *A Náusea*. Tradução de Rita Braga. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SARTRE, Jean-Paul. *Questão de Método*. Tradução de Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é Humanismo*. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada — Ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Da Morte — Metafísica do Amor — Do Sofrimento do Mundo*. Tradução de Pietro Nasseti. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2011.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O Livre Arbítrio*. Tradução de Júlio Abreu. São Paulo: Novo Horizonte, 1980.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução de M. F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- SENA, Aline de Jesus. *Da submissão à dominação: as mulheres na obra de Luiz Vilela*. Três Lagoas, MS: UFMS, 2011. Dissertação (Mestrado em Letras). Disponível em: < <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/fortuna-critica.html> > Acesso em: 3 outubro 2012.
- SILVA, Cléa Gois. *Liberdade e consciência no existencialismo de Jean Paul Sartre*. Londrina: UEL, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras). Disponível em: < <http://gpluizvilela.blogspot.com.br/p/fortuna-critica.html> > Acesso em: 3 outubro 2012.